

## **Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e Focus Group: alinhamento e contribuições para a pesquisa em Administração**

**ANA CLÁUDIA AZEVEDO**

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO -  
FEA

anacazevedo@usp.br

**MARIA CAROLINA CONEJERO**

FACULDADE DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E CONTABILIDADE DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO -  
FEA

mcconejero@hotmail.com

## **Introdução**

Este ensaio origina-se do impasse entre perspectivas metodológicas quantitativas e qualitativas para análise dos dados em focus group e incita uma reflexão sobre uma metodologia alternativa e integrativa, que favoreça uma análise de dados mais robusta. Neste contexto, apresenta-se a proposta de Lefèvre e Lefèvre (2003) com a metodologia do discurso do sujeito coletivo, uma técnica de construção do pensamento coletivo que visa revelar como as pessoas manifestam posicionamentos em um grupo social.

## **Problema de Pesquisa e Objetivo**

Não se encontra na literatura um alinhamento quanto às técnicas a serem utilizadas para o tratamento e análise dos dados obtidos por meio de um focus group. Neste contexto, o objetivo deste ensaio é prover uma reflexão acerca da possibilidade de aplicação da metodologia do discurso do sujeito coletivo (DSC) como um método alternativo para análise de dados provenientes de focus group.

## **Fundamentação Teórica**

Focus group é uma técnica de pesquisa voltada para coleta de dados por meio da interação de grupos sobre um tema pré-determinado (Morgan, 1996), trata-se de uma técnica de coleta “não padronizada” baseada em discussão informal entre um grupo. O discurso do sujeito coletivo, por sua vez, é um método de construção do pensamento que provê a organização de dados discursivos em pesquisas qualitativas, apreendendo representações sociais de um grupo sobre determinado tema (Lefèvre e Lefèvre, 2012).

## **Metodologia**

Para consolidar as reflexões deste ensaio, empreendeu-se um levantamento bibliográfico para verificar o panorama das pesquisas envolvendo a metodologia DSC. Para tanto, buscou-se artigos científicos indexados nas bases SCOPUS® e SPELL®. Na análise desse corpus, além de levantar a evolução das publicações por ano, a nacionalidade das pesquisas e as áreas do conhecimento, analisou-se os métodos associados ao DSC, principalmente as possíveis conjugações entre focus group e DSC.

## **Análise dos Resultados**

Dada a discussão apresentada, uma vez que as pesquisas envolvendo focus group buscam capturar a partir da interação grupal percepções acerca de um tópico específico determinado pela pesquisa, e a metodologia do DSC por sua vez dedica-se a levantar pensamentos, representações, crenças e valores de uma coletividade, é possível verificar a aderência entre os métodos, pautada sobretudo, em uma perspectiva interpretativista, voltada para a captura de representações sociais.

## **Conclusão**

Espera-se com o presente ensaio contribuir para ampliação da visão metodológica interdisciplinar no desenvolvimento das pesquisas envolvendo focus group. Acredita-se que novos caminhos investigativos poderão emergir com aplicação da metodologia do discurso do sujeito coletivo para análise de dados provenientes de focus group, possibilitando o avanço de pesquisas qualitativas na área de administração.

## **Referências Bibliográficas**

- Acocella, I. (2012). The focus groups in social research: advantages and disadvantages. *Quality e Quantity*, 46(4), 1125-1136.
- Lefèvre, F., e Lefèvre, A. M. (2012). Pesquisa de representação social: um enfoque quali quantitativo. In *Pesquisa* (Vol. 20). Liber Livro.
- Lefèvre, F., Lefèvre, A. M. C., e Teixeira, J. J. V. (2000). O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. *Educs*
- Morgan, D. L. (1996). Focus groups. *Annual review of sociology*, 129-152.

## Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) e *Focus Group*: alinhamento e contribuições para a pesquisa em Administração

### 1 Introdução

O *focus group* é um procedimento de pesquisa qualitativa cuja aplicação é útil principalmente nas ciências sociais, podendo ser utilizada em áreas como gestão, *marketing*, processo de decisão estratégica, sistemas de informação, entre outras (Oliveira & Freitas, 2012). Sua utilização é particularmente apropriada quando o objetivo da pesquisa é explicar como as pessoas consideram uma experiência, uma ideia ou um evento, fornecendo informações sobre o que pensam e sentem, além de informações sobre a forma como agem (Krueger & Casey, 2009).

Um *focus group* permite ao pesquisador ouvir simultaneamente vários sujeitos, observando as interações decorrentes do processo grupal. No âmbito das pesquisas em Administração, o *focus group* enquanto técnica qualitativa de coleta de dados vem sendo comumente utilizado para obter informações sobre atitudes e comportamentos de consumidores (Schearer, 1981): no conhecimento de percepções, opiniões e preocupações relativas a produtos e serviços, na geração de *insights* para o desenvolvimento de novos produtos ou na elaboração de estratégias eficazes de divulgação.

No entanto, ressalta-se que não foram encontrados padrões (ou regras rígidas) na literatura acadêmica sobre as técnicas utilizadas no tratamento e análise dos dados obtidos por meio de um *focus group*. Para Stewart, Shamdasani e Rook (2007), diversas metodologias podem ser aplicadas a esse propósito, dentre elas, *grounded theory*, análise do discurso e análise de conteúdo. Já para Oliveira e Freitas (2012, p. 342), esta análise pode ser feita de duas formas básicas: (i) qualitativa/resumo etnográfico; e, (ii) codificação sistemática via análise de conteúdo. Para os mesmos autores as citações diretas do discurso grupal são mais relevantes na abordagem etnográfica, enquanto que a descrição numérica dos dados é mais valorizada na análise de conteúdo.

O impasse entre perspectivas metodológicas quantitativas e qualitativas para análise dos dados em *focus group* incita uma reflexão acerca das metodologias alternativas, e até certo ponto integrativas, que possam favorecer um processo de análise de dados mais robusto. Dentro deste contexto, emerge a proposta de Lefèvre e Lefèvre (2003) na figura da metodologia do discurso do sujeito coletivo.

No final da década de 1990, os pesquisadores, Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre desenvolveram um novo método para analisar pesquisas de opinião, de representação social, ou mais genericamente, de atribuição social de sentido denominado “Discurso do Sujeito Coletivo”. O discurso do sujeito coletivo trata-se de uma técnica de organização de dados discursivos em pesquisas qualitativas, favorecendo a apreensão de representações sobre um determinado tema em um dado universo; seus resultados podem ser generalizados e aparecem, numa escala coletiva, como uma opinião naturalmente se apresenta, isto é, como depoimento sob a forma de discurso (Lefèvre & Lefèvre, 2012).

Diante deste contexto, o objetivo deste ensaio é apresentar uma reflexão acerca da possibilidade de aplicação da metodologia do discurso do sujeito coletivo (DSC) como um método alternativo para análise de dados provenientes de *focus group*. Alguns estudos anteriores, tais como Barboza e Fraccolli (2005), Paschoal, Mantovani e Méier (2007), e Gomes, Telles e Roballo (2009), já consideraram essa possibilidade de aplicação em outras áreas do conhecimento, mais precisamente na saúde pública, na enfermagem e na psicologia. Contudo, no âmbito das ciências sociais aplicadas essa vertente de análise de dados ainda não tem sido explorada, sobretudo nos estudos em administração.

Considerando-se o *focus group* como uma técnica de entrevista em grupo que apresenta como resultado discursos distintos acerca de um tema comum, acredita-se que a metodologia de análise do discurso do sujeito coletivo possa ser indicada para realizar a análise dos dados e fornecer os *outputs* esperados do *focus group* no campo da administração. A partir das reflexões oriundas deste ensaio teórico, espera-se contribuir com uma visão multidisciplinar para o aprimoramento de pesquisas futuras que venham a utilizar o *focus group* como ferramenta para coleta de dados. Novos caminhos investigativos poderão emergir com aplicação conjugada desses métodos, possibilitando avanços de pesquisas qualitativas na área de administração.

Este ensaio está organizado da seguinte forma, na sequência desta introdução apresenta-se uma revisão teórica acerca da técnica de *focus group*, seguida de uma apresentação sobre a metodologia do discurso do sujeito coletivo, descrevendo suas características teóricas e operacionais. Apresenta-se também uma breve contextualização das pesquisas envolvendo a metodologia do DSC a partir de consulta a duas reconhecidas bases de dados, discutindo-se a utilização desta técnica no contexto dos estudos organizacionais. Por fim, encerra-se com os apontamentos decorrentes desta análise e a consolidação de um posicionamento acerca da possibilidade de associação entre *focus group* e discurso do sujeito coletivo.

## **2 Focus Group**

Os *focus group* ou grupos focais podem ser sucintamente definidos como “uma técnica de pesquisa voltada para coleta de dados por meio da interação de grupos sobre um tema determinado pelo pesquisador” (Morgan, 1996, p. 130). Acocella (2012) complementa essa definição ao pontuar que se trata de uma técnica “não padronizada” de coleta de informações, baseada numa discussão aparentemente informal entre um grupo de pessoas.

O objeto de análise de um *focus group* é a interação dentro do grupo (Flick & Barbour, 2009). Seguindo a lógica proposta para dinâmica desta técnica, o moderador (que pode ou não ser o pesquisador) estimula a discussão entre os participantes por meio de questões e comentários alinhados ao tema que se deseja estudar (Martins & Theóphilo, 2009). Os dados provenientes destas discussões são transcritos e acrescidos por anotações e reflexões do moderador e de outro(s) observado(res), caso exista(m). É importante que tanto o moderador quanto o(s) observador(es), observem e registrem comportamentos não verbais que venham a emergir da interação (Acocella, 2012).

As pesquisas envolvendo *focus group* têm sua gênese na sociologia, e o primeiro estudo publicado abordando esta técnica foi realizado por Robert King Merton em 1941 (Galego & Gomes, 2005). Desde seu surgimento o *focus group* foi alvo de importantes discussões metodológicas, e a partir da década de 1980 passou a ser reconhecido como uma estratégia de pesquisa em ciências sociais (Masadeh, 2012).

Neste âmbito, de acordo com Krueger e Casey (2009) existem quatro abordagens distintas para aplicação de *focus group*, tais como: pesquisa de mercado, pesquisa acadêmica, pesquisa pública/sem fins lucrativos e pesquisa participativa. Observa-se no horizonte destas distintas abordagens a utilização do *focus group* ora como método ora como técnica de pesquisa, a depender do *design* da pesquisa desenvolvida.

Além destas abordagens, em seu livro *Focus Group: a practical guide for applied research* Krueger e Casey (2009) resumem as principais características de um *focus group* como sendo: (i) o envolvimento de pessoas, (ii) as reuniões em série, (iii) a homogeneidade dos participantes quanto aos aspectos de interesse da pesquisa, (iv) a geração de dados, (v) a natureza qualitativa e (vi) discussão focada em um tópico que é determinado pelo propósito da pesquisa.

Por suas características esta técnica pode ser considerada tanto um método de pesquisa com conteúdo próprio, como uma técnica de coleta de dados a ser utilizada em conjunto com

outros métodos (Morgan, 1996). Na pesquisa em gestão, especialmente em *marketing*, considera-se a aplicação do *focus group* em uma abordagem preliminar como ferramenta exploratória (Oliveira & Freitas, 2012).

Stewart, Shamdasani e Rook (2007) apresentam uma sumarização das principais aplicações de um *focus group*, quais sejam, obtenção de informação sobre um tópico de interesse; gerar hipóteses de investigação; estimular novas ideias e conceitos criativos; diagnosticar os potenciais problemas com um novo programa, produto ou serviço; gerar impressões sobre produtos, programas, serviços, instituições ou outros objetos de interesse; compreender como os participantes falam acerca de um fenômeno de interesse, o que facilita o desenvolvimento de inquéritos ou de outros instrumentos de investigação de pendor mais quantitativo; e, interpretação de resultados quantitativos obtidos previamente.

## **2.1 Condução e análise de um *focus group***

Os procedimentos para condução de um *focus group* envolvem basicamente três etapas: (i) planejamento, (ii) condução das entrevistas e (iii) análise dos dados (Oliveira & Freitas, 2012). De acordo com os autores, aspectos relacionados à fase de planejamento envolvem definições acerca do número e tamanho dos grupos, quem serão os participantes, nível de envolvimento do moderador, conteúdo das entrevistas, seleção do local e coleta de dados. O êxito na segunda fase - condução das entrevistas - depende substancialmente da adequada formulação das questões, das habilidades do moderador e do observador, e, da apropriada composição dos grupos (Powell & Single, 1996).

No que diz respeito a etapa de análise dos dados Krueger e Casey (2009) afirmam que esta deve ser sistemática, utilizar procedimentos verificáveis e ser realizada de forma sequencial e contínua. As duas formas básicas para análise de dados do *focus group* são: qualitativa ou resumo etnográfico e a sistemática codificação através da análise de conteúdo (Oliveira & Freitas, 2012). De acordo com os autores essas formas de análise não são concorrentes e sim complementares, pois na abordagem etnográfica valoriza-se as citações diretas da discussão do grupo, enquanto na análise de conteúdo o foco recai sobre a descrição numérica dos dados, decorrentes da categorização.

Stewart, Shamdasani e Rook (2007) acrescentam à esta visão a possibilidade de se trabalhar a análise dos dados a partir de *grounded theory*, análise de discurso e análise de conteúdo, a depender da perspectiva epistemológica adotada. Os autores apresentam três perspectivas epistemológicas distintas, que são construtivismo social (baseado na sociologia e na psicologia social), fenomenologia (baseada na psicologia clínica) e interpretativismo (baseado na etnografia).

Como abordado na introdução deste ensaio, não encontra-se na literatura uma determinação única, ou regras rígidas, quanto às técnicas a serem utilizadas para o tratamento e análise dos dados obtidos por meio de um *focus group*, neste contexto busca-se refletir a partir de uma nova abordagem, denominada representação social, aproximações que conectem a metodologia de análise do discurso do sujeito coletivo como técnica para análise de dados provenientes de *focus group*.

## **3 Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo**

O Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) foi proposto pelos pesquisadores da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, Fernando Lefèvre e Ana Maria Cavalcanti Lefèvre, ao final da década de 1990. Estes pesquisadores realizaram uma pesquisa com servidores públicos do município de São Paulo, no intuito de conhecer a opinião dos mesmos

sobre o Programa de Gerenciamento Integrado, proposto durante a gestão Pinotti na Secretaria de Saúde do Estado (Lefèvre & Lefèvre, 2005; Martins & Theóphilo, 2009).

A partir dos dados coletados na referida pesquisa, Lefèvre e Lefèvre observaram que as respostas eram muito semelhantes, diferindo apenas em alguns critérios, que terminavam por não alterar o resultado final (Duarte, Mamede & Andrade, 2009). Ao processarem os discursos apurados em um único discurso do grupo social em análise os pesquisadores deram origem ao Discurso do Sujeito Coletivo (DSC).

Após receber a teorização que o transformou em referencial metodológico, o DSC foi apresentado pela primeira vez no livro *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*, publicado no ano 2000 (Martins & Theóphilo, 2009), passando a ser utilizado em pesquisas qualitativas que têm depoimentos como base (Duarte, Mamede & Andrade, 2009).

Na concepção Lefèvre, Lefèvre e Teixeira (2000) o DSC é um discurso síntese, fruto dos fragmentos de discursos individuais reunidos por similaridade de sentidos. Enquanto técnica, o DSC consiste em uma série de operações sobre a matéria prima dos depoimentos individuais ou de outro tipo de material verbal, operações que culminam ao final do processo de análise em depoimentos coletivos, ou seja, construtos confeccionados com estratos literais do conteúdo mais significativo dos diferentes depoimentos que apresentam sentidos semelhantes (Lefèvre & Lefèvre, 2012).

Para Lefèvre e Lefèvre (2005) os sujeitos coletivos são entidades sociológicas uma vez que são portadores de representações sociais vistas como expressões ideológicas ou simbólicas de configurações sociais objetivas, vinculadas aos temas investigados nas pesquisas; e também entidades discursivas na medida em que se trata de sujeitos coletivos de discurso, posto que o objetivo é resgatar e descrever as representações sociais sob a forma de discursos ou depoimentos coletivos.

O DSC representa uma mudança nas pesquisas qualitativas porque permite que se conheça os pensamentos, representações, crenças e valores de uma coletividade sobre um determinado tema utilizando-se de métodos científicos (Figueiredo, Chiari & Goulart, 2013).

Estes conteúdos de mesmo sentido, reunidos num único discurso, por estarem redigidos na primeira pessoa do singular, buscam produzir no leitor um efeito de “coletividade falando”; além disso, dão lugar a um acréscimo de densidade semântica nas representações sociais, fazendo com que uma ideia ou posicionamento dos depoentes apareça de modo “encorpado”, desenvolvido, enriquecido, desdobrado (Lefèvre, Lefèvre & Marques, 2009, p. 1194).

Como pode-se perceber a base teórica de sustentação do DSC é a Teoria das Representações Sociais, e os DSCs são considerados partes destas representações (Gondim e Fischer, 2009). As representações sociais são esquemas socio-cognitivos que as pessoas utilizam para emitirem, no seu cotidiano, juízos ou opiniões; são uma forma de conhecimento, socialmente elaborado e partilhado, de uma realidade comum a um conjunto social (Figueiredo, Chiari & Goulart, 2013).

O DSC é uma técnica de construção do pensamento coletivo que visa revelar como as pessoas pensam, atribuem sentidos e manifestam posicionamentos sobre determinado assunto, trata-se de um compartilhamento de ideias dentro de um grupo social (Duarte, Mamede & Andrade, 2009). Dessa forma a opção do DSC pela primeira pessoa coletiva do singular para expressar o pensamento coletivo, sinaliza explicitamente a vinculação dessa proposta metodológica com a Teoria das Representações Sociais (Lefèvre & Lefèvre, 2012).

O intuito da metodologia do DSC é estabelecer uma conexão entre o senso comum e o conhecimento científico, partindo da reconstituição de um pensamento coletivo, baseado na Teoria das Representações Sociais. Assim é possível acessar o conhecimento e o saber rotineiro

dos indivíduos em função de seu caráter racional e cognitivo compartilhados, considerando-se perspectivas metodológicas qualitativas e quantitativas (Oliveira Jr, Pacagnan & Marchiori, 2013).

Para Lefèvre e Lefèvre (2012) a opinião que emerge do DSC apresenta dupla representatividade: qualitativa e quantitativa; qualitativa porque no DSC cada distinta opinião coletiva é apresentada sob a forma de um discurso, que recupera os distintos conteúdos e argumentos que conformam a dada opinião na escala social ou coletiva; mas a representatividade da opinião é também quantitativa porque tais discursos têm, ademais, uma expressão numérica e, portanto, confiabilidade estatística, considerando-se as sociedades como coletividades de indivíduos. Pode-se portanto analisar de uma perspectiva quantitativa, *quanto* e, de uma perspectiva qualitativa, *como* as diferentes *categorias de sujeitos* ou agentes sociais mobilizados na pesquisa estão ou não associados a cada uma das diferentes representações sociais que aparecem na forma de discursos do sujeito coletivo.

Operacionalmente a metodologia do DSC propõe organizar, tabular e analisar depoimentos e demais materiais verbais que constituem seu principal corpus, extraindo-se de cada um deles os denominados operadores, que são: as expressões-chave, as ideias centrais e as ancoragens (Lefèvre & Lefèvre, 2005). A partir destes operadores, que são indispensáveis à análise e interpretação dos depoimentos compõem-se um ou vários discursos-síntese que constituem os discursos do sujeito coletivo (Martins & Théophilo, 2009). Estes operadores facilitam, por meio de mecanismos de indução, o agrupamento dos depoimentos por semelhança semântica que apontam para as representações sociais na forma de histórias coletivas (Lefèvre & Lefèvre, 2005).

### 3.1 Operadores do discurso do sujeito coletivo

Por considerarem que o pensamento individual é expresso em decorrência de um processo de internalização anteriormente ocorrido e socialmente construído, Lefèvre e Lefèvre (2005) sugerem quatro operações para produzir DSCs: (i) expressões-chave (E-Ch), (ii) ideias centrais (IC), (iii) ancoragens (AC), e (iv) discursos do sujeito coletivo (DSC), propriamente ditos.

As expressões-chave (E-Ch) são trechos literais dos depoimentos, que permitem evidenciar o essencial do conteúdo discursivo, ou seja, a essência das representações ou das teorias subjacentes (Lefèvre & Lefèvre, 2012). Estas expressões são transcrições literais de partes dos depoimentos, constituindo uma espécie de prova discursiva empírica do entendimento das ideias centrais e das ancoragens nos conteúdos discursivos (Martins & Théophilo, 2009). Nesta primeira etapa é necessário respeitar a literalidade do discurso e retomar o *corpus* quantas vezes se fizerem necessárias, afim de apreender todos os sentidos decorrentes da polifonia e da heterogeneidade que definem a materialidade dos discursos (Lefèvre & Lefèvre, 2005; Gondim & Fischer, 2009).

A partir das expressões-chaves (recortes significativos de fala) são apuradas as ideias centrais (IC) que são representadas por palavras ou expressões linguísticas que revelam de maneira sintética e objetiva o sentido presente nos depoimentos (Lefèvre & Lefèvre, 2005). Tratam-se de elementos que permitem evidenciar o essencial do conteúdo discursivo e são portanto parte fundamental da análise, pois é por meio destas ideias centrais que inicia-se a identificação dos sentidos expressos nos depoimentos (Duarte, Mamede & Andrade, 2009).

É importante ressaltar que as IC descrevem o sentido usando as palavras do entrevistado, não constituindo interpretações, e que são, portanto, intrinsecamente vinculadas às falas dos pesquisados (Lefèvre & Lefèvre, 2005). As ICs servem para agrupar o discurso, podendo haver numa mesma fala mais que uma ideia central; todas devem ser consideradas separadamente e trabalhadas no processo de categorização (Duarte, Mamede & Andrade, 2009). Desta forma, as

ideias centrais são o que o entrevistado quis dizer (ou o quê, sobre o quê) e as E-Ch como isso foi dito (Lefèvre & Lefèvre, 2012, p. 77).

O que Lefèvre e Lefèvre (2005) chamam de ancoragem (AC), é a manifestação linguística explícita de uma dada teoria, ou ideologia, ou crença que o autor do discurso professa e acredita, e que, na qualidade de afirmação genérica, está sendo usada pelo enunciador para “enquadrar” uma situação específica, na qualidade de uma ideia básica que sustenta o discurso. Os valores estão embutidos na fala, na crença, portanto as ancoragens representam o valor forte que está no grupo. É por meio das ideias básicas provenientes das ancoragens que se identificam as Representações Sociais sobre o objeto em apreensão, o que está contido no senso comum sobre aquilo que está sob estudo (Duarte, Mamede & Andrade, 2009). A ancoragem deve ser sempre uma afirmação redigida positivamente (Lefèvre & Lefèvre, 2005).

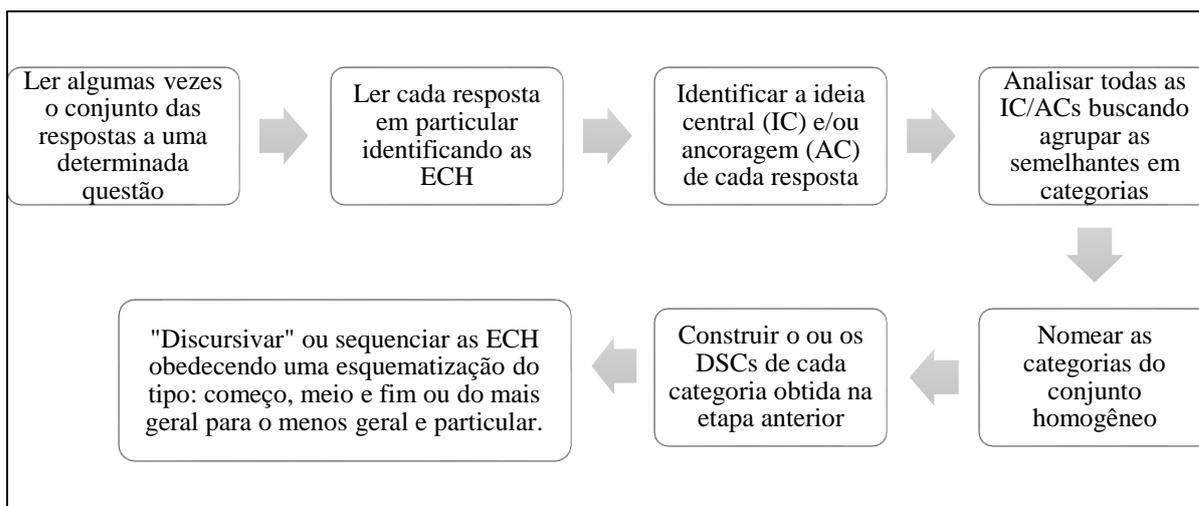
O processo final da técnica do DSC é a elaboração do discurso do sujeito coletivo em si. Trata-se da reunião e organização lógica e coerente, de expressões-chave (E-ch) que apresentam ideia central (IC) ou ancoragem (AC) semelhantes, num só discurso simples, redigido na primeira pessoa do singular (Lefèvre & Lefèvre, 2005, 2012).

O discurso do sujeito coletivo trata-se de uma alternativa que supera os limites de análises das alternativas das questões fechadas e também das categorias construídas para entendimento das respostas às questões abertas. O DSC tenta romper com a lógica quantitativa-classificatória, buscando resgatar o discurso como signo de conhecimentos dos próprios discursos. As falas e manifestações dos respondentes não se reduzem a um número ou categoria. Pelo contrário, a partir dos pedaços dos discursos individuais busca-se a construção de um dado pensar ou representação social. Busca-se construir um imaginário a partir das representações sociais oriundas do DSC, ou seja: o discurso de todos como se fosse o discurso de um (Lefèvre, Lefèvre & Teixeira, 2000, p. 19).

Durante a construção dos DSCs, ocorre a composição do sistema de interpretação da realidade dos participantes, as relações por eles estabelecidas no contexto social, assim como, emergem seus comportamentos e práticas. Neste momento, deve-se considerar não a ordem sequencial dos sujeitos, mas a coerência interna das palavras que compõem os DSCs. No caso de surgirem depoimentos contraditórios a respeito de uma mesma questão, são elaborados DSC para as falas concordantes e para as falas discordantes (Lefèvre, Lefèvre & Teixeira, 2000; Lefèvre & Lefèvre, 2005). Ainda segundo os autores, nesse processo de construção dos DSC, os cenários sociais se apresentam enriquecidos de Representações Sociais, nos quais as práticas se mostram organizadas. É por meio desse espelho coletivo que o pesquisador tem às suas mãos uma riqueza de informações que lhe auxiliará na compreensão do fenômeno estudado

### **3.2 Tabulação de dados**

Segundo Lefèvre e Lefèvre (2012), para a tabulação dos dados deve-se seguir, ordenadamente, os passos indicados na Figura 1.



**Figura 1.** Etapas para tabulação do discurso do sujeito coletivo  
 Fonte: Adaptado de Lefèvre e Lefèvre (2012, p. 90)

Para facilitar o processo de construção do DSC sugere-se a utilização de mapas denominados instrumentos de análise do discurso (IAD), que auxiliam na organização dos operadores do discurso (as expressões-chave, as ideias centrais e as ancoragens) para posterior confecção do Discurso do Sujeito Coletivo, conforme exemplificado na Figura 2 a partir do texto de Duarte, Mamede e Andrade (2009).

Sujeitos	Expressões-chave	Ideias Centrais	Ancoragens
7	“... eu gosto de prestar a assistência pré-natal, sinto satisfação em lidar com gestantes. Toda mulher grávida que sente-se acolhida adere ao acompanhamento pré-natal, independentemente de ser com enfermeiro ou outro profissional que a assista...”.	Gosta de prestar assistência pré-natal.	Toda mulher acolhida adere ao pré-natal.
12	“... uma das ações de enfermagem que mais me agradam é o pré-natal...”.		
17	“... nunca tive segurança em fazer pré-natal, sei lá. Acho que faltou oportunidade para que eu pudesse treinar mais. Tenho receio desse tipo de assistência...”.	1 - insegurança para prestar assistência pré-natal 2 - falta de treinamento	Não há

**Figura 2.** Ilustrativo da aplicação do IAD em gestantes sobre motivos para não realização do pré-natal  
 Fonte: Duarte, Mamede e Andrade (2009, p. 625)

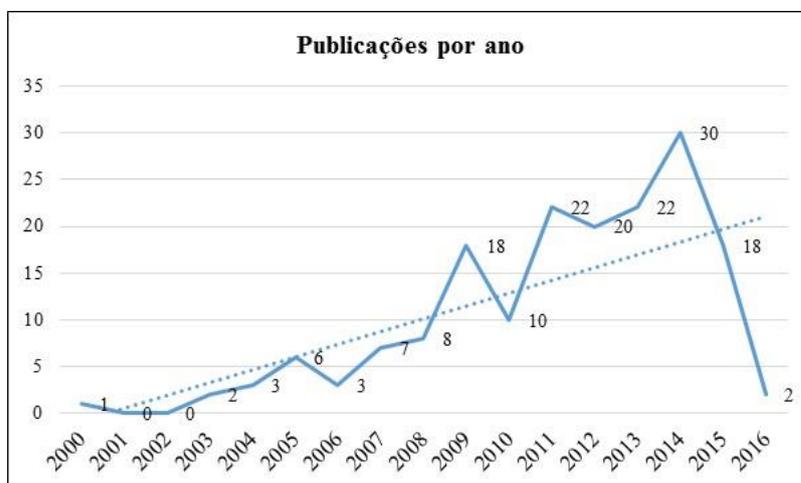
Os pesquisadores também podem valer-se do software *QualiQuantiSoft*® para auxiliar no processamento de dados da pesquisa com base na metodologia do DSC. Este *software* agiliza o processamento de dados permitindo análises e recortes discursivos que sem o seu auxílio o pesquisador não teria possibilidade de realizar (Lefèvre & Lefèvre, 2012).

O *QualiQuantiSoft*® foi patrimoniado pela Universidade de São Paulo e está disponível para *download* na página do Instituto de Pesquisa do Discurso do Sujeito Coletivo ([www.ipdsc.com.br](http://www.ipdsc.com.br)) juntamente com seu manual de uso. Os pesquisadores têm a sua disposição três versões do programa: demonstrativa, para familiarização, versão para uso individual e versão institucional.

### 3.3 Panorama das pesquisas envolvendo a metodologia do DSC

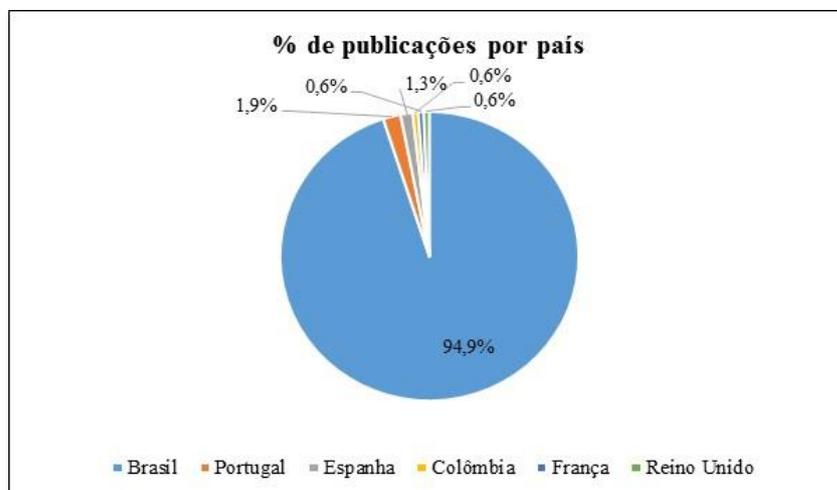
Para verificar o panorama das pesquisas envolvendo a metodologia do discurso do sujeito coletivo, empreendeu-se uma busca por artigos científicos publicados em periódicos indexados na base de dados eletrônica SCOPUS®. A pesquisa foi realizada no mês de maio de 2016. Como critérios de busca foram combinados por meio do operador boleano “OR” os termos “*discurso do sujeito coletivo*” e “*collective subject discourse*”, no tópico (título, resumo e palavras-chave). A pesquisa resultou em um *corpus* de 172 documentos, dos quais 168 são artigos e 4 referem-se à *conference papers*.

Analisando-se a evolução das publicações por ano (Figura 3), é possível verificar uma tendência de crescimento, sobretudo ao se desconsiderar o ano de 2016 que apresenta até o mês de maio duas publicações. Por se tratar do ano corrente, o ano de 2016 não deve ser considerado para fins de apuração. As publicações iniciam-se a partir do ano 2000 e tem seu ponto alto no ano de 2014 com 30 artigos envolvendo a metodologia do DSC.



**Figura 3.** Publicações por ano base Scopus  
Fonte: Elaborado pelos autores

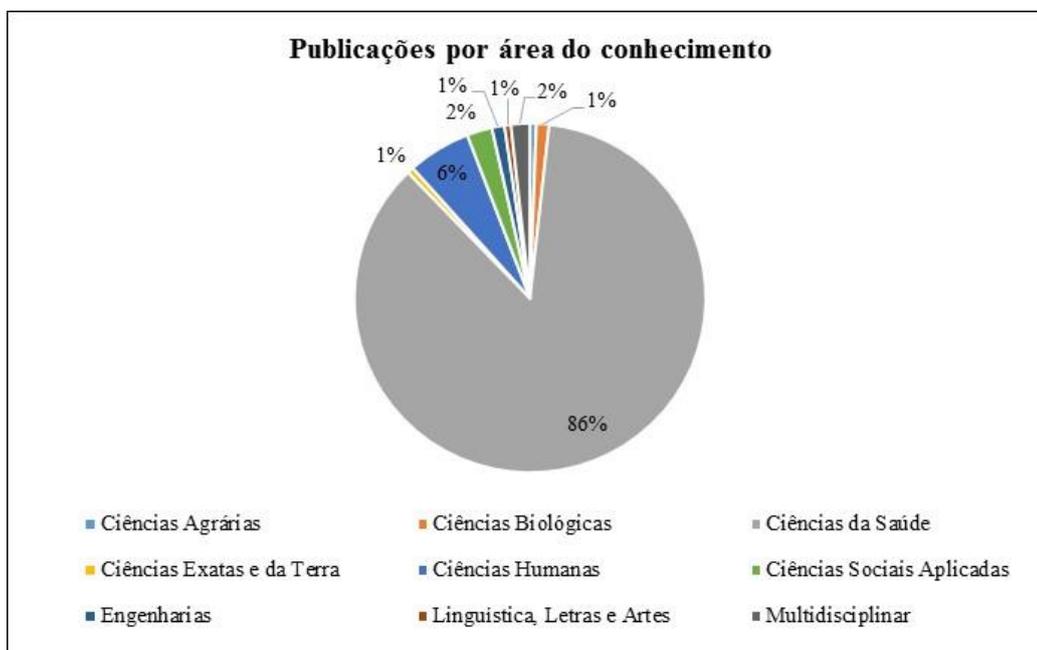
A partir da Figura 4 pode-se observar a distribuição dos estudos entre os países, destacando-se a expressiva concentração das publicações no Brasil, e a baixa participação de outros países.



**Figura 4.** Publicações por país  
Fonte: Elaborado pelos autores

Essa informação pode estar relacionada às origens da técnica e indicam que embora a mesma apresente-se aparentemente consolidada no território nacional, ainda necessita galgar reconhecimento na comunidade científica internacional.

Em relação às áreas nas quais se desenvolvem as pesquisas que aplicam a metodologia do DSC, observa-se de acordo com a classificação de áreas definida pela CAPES, que há uma concentração das publicações na área de ciências da saúde, conforme ilustra a Figura 5.



**Figura 5.** Publicações por área do conhecimento

Fonte: Elaborado pelos autores

Considerando que a técnica foi desenvolvida por pesquisadores vinculados à esta área de pesquisa, é bastante razoável que seu desenvolvimento tenha se dado em maior intensidade nesse segmento. Outra área a se apropriar da técnica mas em proporção bem menos expressiva é a área de ciências humanas (6% das publicações analisadas). Já no âmbito das ciências sociais aplicadas verificou-se que apenas quatro estudos foram desenvolvidos com o suporte da metodologia do discurso do sujeito coletivo, sendo, um na área de administração pública, dois na área de biblioteconomia e um na área comunicação.

Em consonância com a proposta deste ensaio, buscou-se verificar a incidência de trabalhos combinando *focus group* com a metodologia do discurso do sujeito coletivo. Após refinar os critérios de busca foi possível verificar que 7 dos 172 artigos realizaram esta combinação. Observou-se ainda que todos os sete estudos foram desenvolvidos na área de ciências da saúde.

No intuito de conduzir e aproximar a discussão à área de ciências sociais aplicadas, consultou-se uma nova base de dados – *Spell Scientific Periodicals Electronic Library* – dedicada exclusivamente a publicações nas áreas de Administração, Ciências Contábeis e Turismo. A busca foi realizada seguindo os mesmos critérios anteriormente mencionados e resultou em um total de 26 estudos publicados em periódicos nacionais. Destes apenas 23 foram considerados aderentes à proposta deste ensaio, ou seja, empregavam de fato a metodologia do DSC.

Analisando-se a evolução das publicações por ano, observa-se também na base SPELL uma tendência de crescimento, em certo ponto até mais acentuada do que na base Scopus.



**Figura 6.** Publicações por ano base SPELL

Fonte: Elaborado pelos autores

Dentre os 23 artigos selecionados, 11 são da área de administração, 1 é da área de contabilidade e 11 são da área de Turismo. Na área de administração os principais temas abordados são aprendizagem organizacional, gestão do conhecimento, cultura e mudança organizacional, gestão estratégica, administração pública e sustentabilidade.

Analisando as metodologias empregadas por estes estudos, verifica-se as seguintes combinações, demonstradas na Tabela 1.

Combinação dos métodos	Qtde de artigos
Análise Documental + DSC	1
Entrevista Estruturada + DSC	6
Entrevista Semiestruturada + DSC	10
Entrevista semi-estruturadas, observação e estudo documental + DSC	1
Estudo de Caso + DSC	3
Etnografia + DSC	1
História oral + entrevistas semiestruturadas + DSC	1

**Tabela 1.** Combinações de métodos com o DSC

Fonte: Elaborada pela autora.

A grande maioria dos artigos envolvem entrevistas estruturadas ou semiestruturadas para coletar os dados e aplicam a metodologia do discurso do sujeito coletivo para prover a análise destes dados. Verifica-se também pequeno destaque da combinação entre estudos de caso e a metodologia do DSC.

Contudo, cumpre observar que em ambas as bases consultadas não foi encontrado nenhum estudo no âmbito das ciências sociais aplicadas que considerasse a possibilidade de utilização do *focus group* como técnica de coleta de dados e o discurso do sujeito coletivo como mecanismo de análise. Esta lacuna aponta para a possibilidade e a necessidade de novos estudos que permitam o desenvolvimento desta abordagem conjugada de modo a favorecer ainda mais o desenvolvimento de pesquisas envolvendo esta técnica.

## 4 Validade e Confiabilidade

É fundamental que um pesquisador abandone a ideia de adotar critérios implícitos, passíveis de não serem compreendidos, passando a adotar processos de investigação explícitos como indicação de boas práticas que possibilitem a compreensão e a replicação do estudo e revelem credibilidade externa e legitimação para uma pesquisa científica (Clegg & Hardy, 1999). O conceito de objetividade em pesquisas científicas pode ser avaliado basicamente em termos de validade e confiabilidade nas vertentes qualitativa e quantitativa.

As concepções de validade em pesquisas qualitativas devem ser analisadas em três dimensões: validade aparente (se o método de pesquisa produz uma informação desejada ou esperada); validade instrumental (combinação entre dados fornecidos por um método de pesquisa e dados gerados por um método alternativo aceito como válido) e validade teórica (legitimidade dos procedimentos de pesquisa em termos de referencial teórico estabelecido). Para as concepções de confiabilidade podem ser observados os aspectos de confiabilidade quixotesca (único método de observação que mantém uma medida contínua); confiabilidade diacrônica (estabilidade de uma observação ao longo do tempo) e confiabilidade sincrônica (similaridade de diferentes observações no mesmo período de tempo) (Kirk & Miller, 1986).

No contexto das pesquisas quantitativas, as concepções de validade referem-se ao grau no qual um teste pode medir de fato o que se pretende medir, podendo ser analisadas nos aspectos de validade externa (escolha dos métodos que garantam grau de generalização e de representatividade dos resultados) e de validade interna (precisão de uso dos métodos escolhidos de modo a inferir relações causais entre variáveis). Já as concepções de confiabilidade estão relacionadas à precisão e à relevância do procedimento de mensuração, podendo ser analisados os aspectos de estabilidade (segurança de que os resultados serão consistentes no caso do mesmo pesquisador usar o mesmo instrumento de mensuração); equivalência (quando diferentes pesquisadores de um mesmo fenômeno o mensuram de forma equivalente) e consistência interna (homogeneidade entre os itens de um mesmo instrumento) (Cooper & Schindler, 2003).

Em função da sua natureza quantiquantitativa pode-se inferir que a aplicação bem direcionada da metodologia do DSC, suportada por dados consistentes, pode cercar o pesquisador de argumentos que justifiquem os níveis de validade e confiabilidade de sua pesquisa, principalmente na análise de depoimentos provenientes de *focus group*. A descrição clara dos procedimentos a serem adotados, assim como a possibilidade de utilização do *software* para apoiar o tratamento dos dados é um potencial da metodologia do DSC, e, resguarda o pesquisador acerca dos critérios de interpretação e análise dos dados. É o mais próximo que se chega de uma sistematização de dados subjetivos.

## 5 Considerações Finais

Diante do objetivo proposto para este ensaio, qual seja - prover uma reflexão acerca da possibilidade de aplicação da metodologia do discurso do sujeito coletivo (DSC), como um método alternativo para análise de dados decorrentes de *focus group* - observou-se após a revisão de literatura realizada que há uma aproximação e forte aderência entre os métodos, ou seja, é possível aplicar a metodologia do discurso do sujeito coletivo para realizar a análise dos discursos decorrentes de *focus group*.

Estudos anteriores realizados em outras áreas do conhecimento (saúde pública, enfermagem e psicologia) já haviam realizado com êxito essa conjugação de abordagens. Contudo, a mesma ainda não havia sido extrapolada ao âmbito das ciências sociais, e das pesquisas em Administração propriamente ditas.

Dada a discussão apresentada, uma vez que as pesquisas envolvendo *focus group* buscam capturar a partir da interação grupal percepções acerca de um tópico específico determinado pela pesquisa, e a metodologia do DSC por sua vez dedica-se a levantar pensamentos, representações, crenças e valores de uma coletividade, é possível verificar a aderência entre os métodos, pautada sobretudo, em uma perspectiva interpretativista, voltada para a captura de representações sociais.

Operacionalmente ao considerar-se que a análise dos dados de um *focus group* deve ser sistemática, utilizar procedimentos verificáveis e ser realizada de forma sequencial e contínua (Krueger e Casey, 2009), verifica-se pela descrição da metodologia do DSC apresentada, que esta técnica atende a todos os requisitos. E, além disso, em sua proposta de análise quanti-qualitativa, o DSC integra características da análise de conteúdo e da análise de discurso de forma complementar, como proposto por Oliveira e Ferreira (2012). Dessa forma acredita-se que a DSC possa ser útil ao desenvolvimento de pesquisas também na área das Ciências Sociais Aplicadas.

Uma limitação deste ensaio deve ser ressaltada. O levantamento de artigos publicados envolvendo a metodologia DSC foi realizado apenas em duas bases de dados comumente utilizadas nas pesquisas de administração. Embora ambas sejam consideradas repositórios de qualidade, a ampliação dessa busca a outras bases de dados pode apresentar outros escopos de pesquisa envolvendo a metodologia DSC que não foram contemplados nesta reflexão.

Por fim, espera-se com o presente ensaio contribuir para ampliação da visão metodológica interdisciplinar no desenvolvimento das pesquisas envolvendo *focus group*, apontando novos caminhos investigativos para o avanço de pesquisas qualitativas na área de administração. Para efetivar a proposta apresentada, incita-se que futuras pesquisas sejam desenvolvidas no âmbito das Ciências Sociais Aplicadas, especialmente em administração, combinando e aplicando efetivamente as abordagens elucidadas.

## Referências

Acocella, I. (2012). The focus groups in social research: advantages and disadvantages. *Quality e Quantity*, 46(4), 1125-1136.

Barboza, T. A. V., & Fracoli, L. A. (2005). A utilização do “fluxograma analisador” para a organização da assistência à saúde no Programa Saúde da Família The use of an analytic flowchart to organize healthcare in the Brazilian Family Health Program. *Cad. Saúde Pública*, 21(4), 1036-1044.

Clegg, S. R. & Hardy, C. (1999) Organização e estudos organizacionais. In: \_\_\_\_\_. Handbook de estudos organizacionais: Reflexões e Novas Direções, v1. São Paulo: Atlas, p. 27- 57.

Cooper, D.R. & Schindler, P.S. (2003) *Métodos de pesquisa em Administração*. 7ª ed. Porto Alegre: Bookman.

Duarte, S. J. H., Mamede, M. V., & de Andrade, S. M. O. (2009). Opções teórico-metodológicas em pesquisas qualitativas: representações sociais e discurso do sujeito coletivo. *Saúde e sociedade*, 18(4), 620-626.

Figueiredo, M. Z., Chiari, B. M., & de Goulart, B. N. (2013). Discurso do sujeito coletivo: uma breve introdução à ferramenta de pesquisa quali-quantitativa. *Distúrbios da Comunicação*. ISSN 2176-2724, 25(1).

Flick, U., & Barbour, R. (2009). Grupos focais. In *Grupos focais*. Artmed.

Galego, C., & Gomes, A. (2005). Emancipação, ruptura e inovação: o “focus group” como instrumento de investigação. *Revista Lusófona de Educação*, 5(5).

Gomes, V. L. D. O., Telles, K. D. S., & Roballo, E. D. C. (2009). Grupo focal e discurso do sujeito coletivo: produção de conhecimento em saúde de adolescentes. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm*, 13(4), 856-862.

Gondim, S. M. G., & Fischer, T. (2009). O discurso, a análise de discurso e a metodologia do discurso do sujeito coletivo na gestão intercultural. *Cadernos gestão social*, 2(1), 9-26.

Kirk, J. & Miller, M.L. (1986) *Reliability and validity in qualitative research*. Beverly Hills, CA: Sage Publications.

Krueger, R., & Casey, M. (2009). Focus groups: A practical guide to applied science.

Lefèvre, F., & Lefèvre, A. M. (2012). Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo. In *Pesquisa* (Vol. 20). Liber Livro.

Lefèvre, F., & Lefèvre, A. M. C. (2005). *O discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa; desdobramentos*. Educus.

Lefèvre, F., Lefèvre, A. M. C., & Marques, M. C. D. C. (2009). Discurso do sujeito coletivo, complexidade e auto-organização. *Cien Saude Colet*, 14(4), 1193-1204.

Lefèvre, F., Lefèvre, A. M. C., & Teixeira, J. J. V. (2000). *O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa*. Educus.

Martins, G. D. A., & Théóphilo, C. R. (2009). Metodologia da Investigação Científica. *Editores Atlas*.

Masadeh, M. A. (2012). Focus group: Reviews and practices. *International Journal of Applied*, 2(10).

Morgan, D. L. (1996). Focus groups. *Annual review of sociology*, 129-152.

Oliveira Júnior, P. F. P., Pacagnan, M.N., & Marchiori, M. (2013). Contribuições da Metodologia do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) para Investigação da Estratégia como Prática. In: *VI Encontro de estudos em Estratégia – 3Es*. Bento Gonçalves, RS.

Oliveira, M., & Freitas, H. (2012). Focus Group: instrumentalizando o seu planejamento. *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos*. São Paulo: Saraiva, 325-346.

Paschoal, A. S., Mantovani, M. F., & Méier, M. J. (2007). Percepção da educação permanente, continuada e em serviço para enfermeiros de um hospital de ensino. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 41(3), 478-484.

Powell, R. A., & Single, H. M. (1996). Focus groups. *International journal for quality in health care*, 8(5), 499-504.

Schearer, S. B. (1981). The value of focus group research for social action programs. *Studies in Family Planning*, 12(12 Pt 1), 407-8.

Stewart, D. W., Shamdasani, P. N., & Rook, D. W. (2007). Focus Group. Thousand Oaks: SAGE Publications, Ltd.